



O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO CARICATURISTA SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO
JULIO DOMINGOS (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO
NA EDITORA L. COMRE BARRO, 50 LISBOA

REDACÇÃO
E
ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ATALAYA N.º 128-2.º D
LISBOA

ASSIGNATURAS
ANNO 8000 REIS
SEIS MESES 3000
TRES MESES 2000
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS, PRECO CONVENCIONAL

Recibo de Pagamento
N.º 78

Terça feira, 24 de AGOSTO de 1909

A POEIRADA



- Ó seu Medeiros tire lá isso que eu já estou.....

TRIBUNA DOS MESTRES

Por nos ter chegado demasiado tarde o artigo do nosso correligionario e distincto escriptor Gomes Leal, destinado a esta secção, não o podemos inserir, do que pedimos desculpas aos nossos amáveis leitores.

CHRONICA

O casamento do rei

A final ainda não se sabe quando casará o rei. Ministros effectivos e diplomatas com folhas de serviço, andam n'um vae-vem constante, sem arranjam noiva para o rapazinho que passa a sua existencia na solidão das Necessidades, cercado apenas por uma camarilha intriguista e reaccionaria que o cerca, devorando-o com a sua intriga, incitando-o a caminhar no terreno sempre perigoso do arbitrio e da reacção.

No proprio paço — dizem as ennevoadas chronicas palatinas, — move-se a intriga por causa do casamento do rei.

Um grupo de palacianos pretende á viva força que o sr. D. Manuel case com uma princeza da casa de Austria, — ramo reaccionario que traria ao throno portuguez o espirito aristocratico e profundamente religioso, agravando a situação já impossivel da sociedade portugueza.

Outro grupo, com predilecções pela Inglaterra, deseja que o rapaz case com a filha do duque de Fife, menina de largos pergaminhos e de fortuna grande, — o que se pôde chamar um casamento de *costa arriba*.

E quem menos trata do seu proprio casamento é o rei, que espera indefinidamente uma esposa, como pôde esperar uma egua de raça, escolhida por um entendido.

Qualquer dia apparece-lhe a anciada rainha; e o rei não a conhece.

Gosta de mulheres gordas? E' capaz de lhe apparecer uma mulher magra.

Prefere as louras? Surge uma menina trigueira.

Porque n'esse genero de contractos os extranhos são sempre os peores para negociar, visto que só o proprio pode decidir.

Os casamentos reaes podem, por vezes, dar margem a curiosos mal entendidos. Qualquer diplomata *blagueur* poderia procurar, nos bairros suspeitos de uma grande capital, uma *cocotte* de luxo, possuidora de rendas caras e, — tudo é possível... com nome no Gotha, qualquer Chimay estonteante, com tziganos e artistas bohemios na comitiva, e apresental-a ao seu rei como qualquer princezinha de ballada, digna de um manto de rainha.

E o rei acceital-a se lh'a recomendassem em nome da diplomacia.

Podiam mesmo offerecer-lhe a cria-

da de quarto de qualquer princeza, que elle de bom grado a receberia, se lhe falassem em nome da diplomacia.

Curioso é, porém, que esse acto de arranjar mulher para um homem, se chame, em linguagem palaciana, diplomacia, e na linguagem dos restantes cidadãos alcovite...

JOSÉ DO VALLE.

O COMBATE

Jornal da tarde, dos operarios graphicos da extincta VANGUARDA.
Sae na quinta feira, 26.

Justificação

Um grave desarranjo succedido na machina em que se costuma lytographar o nosso jornal, impediu-nos de o publicar hontem, de que pedimos desculpa aos nossos assignantes e demais leitores.

?...

D'O Mundo.

O sr. dr. João de Menezes pede a palavra e manda para a mesa um requerimento e um aviso previo. O requerimento é o seguinte:

«Peço que pelo ministerio do reino me seja mandada, com urgencia, a relação de todos os individuos que, ao presente usem titulos de duque, marquez, conde, visconde ou barão, com as indicações litterarias ou scientificas de cada um.»

Que idéa, doutor Menezes!
Ir pedir as relações
Das varias habilitações
Dos condes, duques, marquezes...

D'essa gente, a maioria,
A maior habilitação:
— E' ter vendido sabão
Em lojas de mercearia!

FREI GARANHÃO.

Um empregado dos *electricos* foi despedido por ir a conversar com um collega e a falar no pad. Mattos.

Ou não tivesse a reacção capellinha em Santo Amaro.

RECEITAS... INUTEIS

I

Como se faz um jesuita

N'um cadinho vulgar de barro refractario, Com 'scrementos e lama, Mistura a hypocrisia, o vicio e a torpeza: Aquece essa mistura e tens o vil sectario Da seita de Jesus, serpente que derrama O veneno mortal do crime e da vileza.

SÁ KRISTA.

Eduardo de Carvalho

Não podia o *Xuão*, n'esta hora de luctas, perseguições e incertezas, deixar de apresentar o seu protesto de admiração e respeito por Eduardo de Carvalho, seu valoroso collaborador effectivo, de quem tem recebido innumeradas provas de sympathia e dedicação, ora victima de leis e regulamentos antiquados e contraproducentes que são ainda a mancha negra e retrograda das sociedades modernas.

Eduardo de Carvalho, o denodado combatente e vigoroso jornalista que sempre se tem evidenciado nas luctas contra a tyrannia monarchica e os estupidos preconceitos dos dogmas, ultimamente havia sentado praça n'um dos regimentos da guarnição de Lisboa.

O facto do tal juramento a que foi submettido e teve que cumprir, constituiu para elle um acto tão superficial relativo ás suas convicções politicas e religiosas, que jámais, uma vez feito militar, debaixo da sua farda deixou de palpar o coração de um convicto republicano e verdadeiro patriota.

Ultimamente, tres ou quatro miseraveis delatores accusaram Eduardo de Carvalho de ter falado n'um comicio monarchico em contradicta ás doutrinas expendidas pelos seus oradores, socios da celebre Liga monarchica. Foi o bastante para que o regulamento militar chahisse com todo o seu despotico peso sobre elle e o condemnasse em sessenta dias de prisão.

A imprensa, ao ter conhecimento do caso relatou-o e o jornal o *Seculo* tomou a louvavel iniciativa de abrir uma subscrição publica para remir Eduardo de Carvalho do serviço militar, cuja, em poucos dias se encerrou com a verba sufficiente, apesar de cada subscriptor não poder dar mais de um tostão.

Bem haja um povo que tão exuberantemente está dando provas do seu levantamento moral e intellectual perante a civilização moderna. O seu procedimento, n'este caso, além de ter sido um acto de civismo, deve ter tambem constituido um dever para com Eduardo de Carvalho, trazendo para o nosso lado um leal combatente e o continuador da obra de redimir uma Patria.

Sempre Elle!

Bem pouco o ministerio tem de vida; Não tarda que o *lib'ral* do Wenceslau P'ra casa vá fazer colheres de pau E largue a pennachada appetecida...

Beirão lá foi p'rá Pena, de corrida, E como é quasi sempre este marau Quem annuncia a crise, o Wenceslau E a tropa que o rodeia está... comida.

Enfeita-se o *liroso* do *Pendente*, P'rá pasta apropincua-se o *Gazoso*, Tambem o Alpoim a' quer, fremente...

Tudo anda pelo mando meio baboso, Porem é sempre eterno presidente Da corja, o pae *Bacóco*; um bom manhoso!

PICHIRINÉE.

A condemnação do nosso amigo Eduardo de Carvalho a sessenta dias de prisão, pela porca e apatidão delação dos sabujos da tal *liza dos imbecis*, nojentos, mastins e rafeiros que ladram só de longe e na sombra das denúncias, provocou a mais justificada indignação em todos os homens conscienciosos.

A subscrição para remir o nosso camarada cresce agigantadamente e mostra-se ha a final que a velha rabujenta, chamada disciplina, é odiada por todos os espiritos liberais e cultos.

Coração de gente e cerebro com miolos não admite sequer a possibilidade de em pleno seculo xx se castigar alguém por ter idéas e demonstral-as.

Sessenta dias de prisão, sendo um "terço a pão e agua", não é castigo, é uma violencia indigna.

Reformem lá isso que é inquisitorial, ou então salta o santo officio com autos de fé, torturas e o resto.

Ao menos podemos saber em que lei vivemos.

Acho melhor francamente
O despotismo exercer,
Pois ao menos sabe a gente
Em que lei ha de viver.

Um collega do nunca esquecido pad. Mattos casou ha tempos civilmente, abandonando *ipso-facto* a *santa-madre egreja*.

Casou, tornou-se pae e empregou a sua actividade em varias cousas.

De repente surdiu-lhe a idéa de *se governar* com o primitivo officio, porque os seculares já não iam *no embrulho*, e fez-se outra vez padreca. Até aqui está bem... lá para elle e para quem o accetea.

Mas o que se pergunta é em que situação fica a mulher legitima e a filha?

Sendo o casamento civil um acto legal, poderá qualquer bispo, bispinho ou bispote annullal-o?

Arre, que isso seria um cumulo!

Vamos a vêr como isto anda,
Se o caso é de sensação,
E se aqui *todo lo manda*
A gente da reacção.

Se o padre se ri ufano,
N'esse caso mudem já
O paço pr'ó Vaticano
E o padre santo p'ra cá.

Lemos algures que o governo ordenou ás auctoridades que não seja permittido aos hespanhoes terem casas de jogo.

Ora ahí está um governo patriótico!

Corre com a batota estrangeira e dá um chi-coração á roleta nacional.

Bravo, seu Wenceslau.

Ante idéa tão janota
Já um ponto me gritou:
— Viva a nacional batota,
O Wences... deu az e sota,
Tardou mas arrecadou!

Todos os dias se está dando o caso de infelizes doentes, a vergar de febre, irem ao hospital e não os receberem por falta de... documentos.

E' ridiculo mas é verdadeiro. Um sujeito se adoce de repente tem de arranjar, seja como fór, uma resma de papel sellado com assignaturas reconhecidas pelo tabellião, etc., etc.

Pois isso o melhor que teem os pobres é pedir á doença que os mande avisar da sua vista pelo menos com oito dias de antecedença.

Ante a lei severa e crua
Um talaviso é sensato,
Senão váe morrer na rua
Como qualquer cão ou gato.

ORLANDO.

O Beirão foi chamado á Pena. Lá voltamos nós a vel-o qual andador, de porta em porta á procura de ministros.

Temos Wenceslau de ventas á torneira, oh se temos!

Um thalassa de Agueda prohibiu um comicio republicano e em seguida desandou a dar cinco réis a cada garoto que lhe appareceu para dar vivas á monarchia.

O *Noticias de Lisboa*, noticiando o feito, diz que essa garotice foi um triumpho para o regimen.

Realmente um triumpho d'esses... é obra!

Soneto!

Dedicado a Eduardo Carvalho

Soldado n.º 22 da 1.ª companhia d'artilheria 1

Compaixão deveremos nós sentir
Pela patria que nos embalou,
E tão infame gente ella creou
Que pouco a pouco a ha de destruir.

Chegou hoje o momento de expandir
O rancor, que minh' alma lhe votou
A' tal turba nojenta, que pensou
Ao povo a liberdade prohibir.

Esses biltres! Escarros da nação!
Querem obrigar um cidadão
A respeitar essa tão vil gentalha.

Descança!... Deixarás de ser soldado!
Quando te vires d'elles libertado
Desabafa! Sim! Chama-lhes Canalha!...

Lx -20-8-909

SOLRAC.

Consta que o Martins paspalho, o
faca de Matto do vil dictador, abandonou de vez o parlamento.

Deve ficar S. Bento com menos fedor a thalassa.

Chronica tripeira

Porto, 19-8-09.

Com grande pasmo, convenci-me a final de que o partido franquista ainda tem adeptos.

O Joãozinho eclipsando-se deixou como que um rasto luminoso que faz revirar os olhos dos fanaticos.

Os nossos trisavós esperavam D. Sebastião n'uma manhã de nevoeiro; estes esperam o Messias pendurado n'um raio de luz que ha de furar a noite caliginosa do futuro.

Ha uma tendencia natural dos merceeiros para a rotina, se não para o retrocesso.

Choram Soares de Passos, tem saudades do covado e das volatas da Contéferoni.

Cahe em extasis deante do passado, quando não havia ainda a tracção electrica com os respectivos inconvenientes da *grève*, e um regimento de mulas arrastava pesadamente, Clerigos acima, um *americano*, portuguezissimo, aliás. O Foito, os artigos das *Actualidades*, o sr. Fontes, o *Pó-pó-gim-gim*, — outras tantas recordações que a saudade avoluma e doira e transforma em receio do que virá ainda...

Porque o merceeiro — e quando digo

merceeiro, digo burguez — agarra-se a o passado e serve-se d'elle como de uma acha d'armas para se defender dos assaltos do progresso — o destruidor progresso —. Andam-lhe lagrimas nos olhos quando recorda os Guindaes com aquelle elevador, Santa Clara com as freiras bonitas a espreitarem o mundo pelas grades das janellas e quando a devoção o leva á rua dos Inglezes (— rua do Infante D. Henrique, horror!) — cae de joelhos deante d'aquelle S. Francisco de Pedra, tão desconforme mas tresandando a milagres e a passadas alcoviticés.

Assim rotineiros, assim grudados aos "seus tempos", perdida para sempre a esperanza no regresso de D. Sebastião e do saudoso sr. D. Miguel, o João Franco com todo aquelle desequilibrio moral que o guindou á presidencia do conselho como o poderia ter levado ao cadafalso se elle cá existisse, o Messias, atirando um rei e um principe para o lado dos seus avós e fugindo, armou em Desejado, fez-se esperar como a unica salvação da monarchia... não o viram na nudez cruel do ridiculo como eu o vi, como muitos o viram com olhos revoltados ou indifferentes, passar como um meteoro sob os apupos irreverentes da população, que vingava os males futuros com projecteis mal cheirosos. Não o viram, mais grotesco que D. Quixote, fugir de calças na mão para longe da terra a que trouxera o luto e a revolta, como um garoto surprehendido no flagrante delicto d'um acocoramento equivoco. O merceeiro tripeiro viu n'elle o perseguido, o martyr, o proscripto. Para elle hoje o João Franco surge romantizado, como uma deliciosa visão de outras eras. — "Não o deixaram! Não o deixaram!", murmura com um suspiro vindo das entranhas. E o franquista devora o *Diario Illustrado*, va para a porta dos quartéis trocar impressões ácerca dos desmoroçados projectos e saudosas reformas do proscripto e suppõe-n'o muito longe d'aqui, n'um a ilha deserta, sobre um rochedo como o naufrago do Cynthia, fitando longamente, tristemente o mar com o olhar d'um incomprehendido...

Injuriam o franquista pela impaciencia e nenhuma urbanidade das suas discussões politicas. Está-lhe na mas a do sangue. O nosso merceeiro, o genuino, a nata dos merceeiros, vive na rua de S. João, é casado com uma senhora gorda e tem uma filha encantadora que aprende a desafinar polkas e namora todos os barbeiros que lhe passam sob a janella. A litteratura horrifica-o. Junheiro, Gomes Leal e João Chagas são uns excómmungados. O Eça é immoral, o Theophilo massudo, o Bruno incomprehensível. Aprendeu no Monte-vêrde a ler os rotulos das garrafas e a não se deixar comer pelo guarda-livros. Com este cadastro, queriam V. Ex.ª, srs. jacobinos, que a urbanidade que, se não vem do temperamento brota da educação, e quando a educação foi um mytho vem da frequente leitura do Manual da Civilidade e respectivos Felix Pereiras, — com este cadastro queriam V. Ex.ª que o franquista soubesse discutir sem escoucear a gramatica, ensurdecer o antagonista e vomitar insultos?

"O que o berço dá a cova o tira," diz a Sabedoria das Nações e quem sabe se este leve aphorismo não sahiu da bocca do Bandarra, prophetisando a indelicadeza dos futuros apóstolos do novo Messias? Quero convencer-me de que ha muitas e honrosas excepções; até hoje, quando procuro cavalheiros respeitaveis tropeço com merceeiros, quero encontrar um merceeiro e esbarro com um franquista, aneio por discutir com um franquista e deparo com um grosseirissimo interlocutor.

Haverá excepções, concordo, sinto até muito prazer concordando em tal, e a logica diz-me que nem todos os cavalheiros respeitaveis são merceeiros, nem todos os merceeiros franquistas e nem todos os franquistas grosseirões. Mas os factos contrariam a logica e, mais cedo ou mais tarde, terei de concordar, — como já me succedeu quando o meu barbeiro me asseverou pela boa sorte dos seus pequenos que todos os burros eram commenda-dores... e vice-versa...

RAFAEL.

O GRANDE PERIGO



GRAÇAS À NOSSA GRANDE EDUCAÇÃO TODOS NOS OBEDECEM COMO PEQUENOS CAÃS DOMESTICADOS

Sôr Redaitor

Istou divéras ifulaido pro via dos injuntamentos de mais di uma piçõa!

Isso ahi nen é terra de jente nin de cedade nin nada!

E' mas é uma terra de selvagios!

Uma terra de istrupidos! de mal amanhados.

Saberá vôcoria ca ê fui aconvedado por un rapaz ca ven a ser primo derêto da uma tia minha ca tinha sido incasada com um primo do ferradoi-re, cá do logar e ca indas ven a ser aparentado com o Zé da Anadia, ca segundo elle ma disse ten grande poder na aldêa da Parvoinia.

Põe intão, lá vae u ca ma conteceu, cu tal convitio.

O tal convitio foi para a toirada de Algés.

Poi aqui é ca a porca torce o rabo, com sua lecença.

Com irrespêto á toirada, gustê.

Mal na vinda pra baixo no quimboio, é ca foram ellas!

Aquilo ali intê pracia ca istavamos nos sartões dos incarabiás como diz o botecairo cá da terra.

Vomecê nan imagina o ca quilo foi!

Os homes a amontar-se por riba das mulheres; as mulheres a amarinhar por los homes arriba. A mim intê ma iam dando cabo dos alforges; e á minha cachopa, immachucaram-n'a toda, ca até fazia incrivele u istadò en ca ella chegou ao cai xidré.

O' spois fomos ambos, e dois intê o Terrêo do Paço, pra ver si a consulava com uma gaitada dos marinheiros, mal cal marinheiros, nin cal raio!

Nan haverá havido musica, pro ca foi precisa para o sr. Rei, e vae ós-

pois fuime intê a istalage e ella consulou-se do isgosto da falta de muzeca dos marinheiros, pro ca aviam lá tantos precevejos a amarinhar por riba de nós, ca ella, nen já quere oi-vir fallar en marinheiros.

Vêja o sôr redaitor, sa la chega uma tarêa no serviço dos quimboios, pra ca gente nan seja assim amarinhada e amassada, indas por riba de pagar cu sê denhêo.

Acête saiodades do sê amigo

MANEL CEGUINHO.

Olliveirinha da Ronha, logar da Fronha,

20 8-909.

CORRIDA SENSACIONAL

Victorino Froes no Campo Pequeno

Para a proxima quinta feira organizou a empreza do Campo Pequeno uma sensacional corrida nocturna que deve ficar memoravel nos annaes tauromachicos.

Teremos como cavalleiros o grande mestre Victorino Froes, que ha a maior anciedade em ver tourear, pois é sempre brilhantissimo o seu trabalho, D. José de Mascarenhas e Ruy da Camara.

O espada é Bienvenida, rapaz que conta innumeradas sympathias no nosso publico e bandarilheiros, além de Theodoro, Cadete, Manuel dos Santos e Maera, tomam tambem parte os apreciados amadores Eduardo Perestrello e Carlos de Mascarenhas.

Com taes elementos não é para admirar que os bilhetes sejam disputados phreneticamente.

Nova theoria

Para explicar os sismicos abalos Ha theorias tres, se não me engano, Difficeis d'entender a um profano E que a meu vêr não logram explical-os.

Os sabios! Muito custa decifral-os, A' nossa mente dão trabalho insano. Por vezes têm as manhas d'um tyranno Que se compraz soffrendo os seus vassallos.

Comtudo a causa é simples, evidente, Ao alcance da bronca e pobre gente, Que o jesuita explora, illude, aterra.

Na monarchia ha tanta iniquidade, Taes crimes, tanta infamia, tal maldade, Que estremece d'horror a propria terra.

HA-XIS

Um padre de Campolide do tal collegio-coio aggreduiu brutalmente um rapazito de 14 annos.

Pois é raro!

Aquella gentinha de sacristia costuma gostar muito de rapazes.

Um collega commenta, bastante irritado, o facto do padre Araujo Gomes em tempo ter renegado a vida de padre, casado civilmente e depois voltar a ser ordenado, abandonando a mulher e uma filha que já tinha!

O' collega, então que tem isso de extraordinario? Você está na lua!

O officio de padre é um officio como outro qualquer; em não dando a conta larga-se. Eu conheci um sujeito que em tempo teve um hotel para pernoitar, com serviço interno por conta da casa; depois liquidou e mais tarde foi informador do *Portugal* e nas horas vagas negociava em pevides e nesperas.

N.º 28 — FOLHETIM DO "XUÃO" — 21 de agosto

As seis mulheres do sr. Pingouin

CAPITULO XV

Um escandalo na musica

Estendido na cama, a escorrer em suor, o Theophrasto gemia:

— Ah! Os patifes dos frades... Socorro! Vão metter-me no caixão!... Juro, sim, juro!... Ora pro nobis... A Eudoxia está na missa... Leo... cadia... cadia... Despejamos a taça dos prazeres!... A' americana, senhor barão, á americana!... Um duello? Uma creança?... Minha? Do Theophrasto Pingouin! Estou como um tomate...

Calava-se por um instante, respirava com força, estendia os braços, e depois continuava a proferir phrases sem nexo.

— Olha! O papel tem um zuavo... Sabe, não quer dizer nada... Oh! Que olhos que tem o Principe Negro!... Como o quarto está vermelho... Perdão, senhores Irmãos da Morte! Perdão! Arthemisa! Não conheço... Olha, menina, comi melão... Duzentos tentos, sr. Brédilland, está a mangar comigo... Carambolou duas vezes... Bom! Ahi vem a minha mulher, vou-me safar!... Tres traidores, alli, no caixão... Apunhalado ao... nascer do sol!... Tenho sede! Dêem-me de beber!... Comi muita pimentata...

Era assim que se misturavam incoherentes as idéas do sr. Pingouin, com grande espanto da esposa, que não podendó coorde-

nal-as nem encontrar-lhes sentido, estava um tanto assustada. Pensou em ir chamar um medico, mas não podia deixar só o pobre homem; por outro lado, os vizinhos estavam deitados. E como o accesso passou mais, resignou-se a esperar pelo dia.

O Theophrasto melhorou, porém, e oppoz-se a que chamassem o medico.

Durante cinco dias, o nosso heroe esteve muito debilitado e estremeceu ouvindo a menor bulha como á aproximação de um perigo.

Quando batiam á porta, ia logo fechar-se no gabinete, onde se julgava inexpugnável.

Esta precaução foi inutil, porque nenhum gracejador o foi atormentar. Só a sr.^a Brédilland, o sr. e a sr.^a Douveau e a sr.^a Mouche foram visital-o.

A terna Leocadia, que enlanguescia e sem duvida se impacientava por não tornar a vêr o amante, esteve meio dia ao lado do doente querido de quem era talvez a unica pessoa que desejava a cura rapida, porque lhe tardava recomegar a gymnastica do seu ultimo e primeiro colloquio, gymnastica de que ella saboreava já os effeitos salutareos no humor e na cara.

A sr.^a Pingouin não teve a menor suspeita do que se passava nem percebeu que a sr. Mouche tinha mettido um bilhete na mão do Theophrasto.

A final na terça feira o nosso heroe achouse bom de todo, almoçou com bom appetite, ficou levantado todo o dia e, por conselho de Eudoxia, consentiu em ir á tarde ao passeio ouvir a musica, convencido de que isso lhe fazia bem.

Os esposos Pingouin dirigiram-se pois para o jardimzinho que o sr. Potain e os seus cumplices inundavam de ondas de harmo-

nia e puzeram-se a andar em roda da musica.

Iam devagar, cumprimentando as pessoas conhecidas, quando a má sina do sr. Pingouin levou áquelle sitio o Dufour e o Sévigné, que, aborrecendo-se na Hospedaria do Tigre de Ouro, vinham divertir-se um pouco em companhia das suas duas vizinhas de quarto, duas esturdias, a Margarida e a Sarah, uma ruiva e outra trigueira, que tinham chegado de manhã.

Cinco minutos depois de avistarem a sua victima, mandaram-lhe a Margarida, que se aproximou descaradamente do sr. Pingouin.

— Adeus, Theophrasto! disse ella com voz meiga.

O ex-salsicheiro julgou primeiro que era a Gabri; mas logo deu pelo engano e prevendo mais alguma coisa desagradavel, olhou para a sua interlocutora com ar espantado.

— Quem é esta mulher? exclamou a Eudoxia, beliscando-lhe raiosamente o braço.

O sr. Pingouin abafou um grito de dôr.

— Eu... não sei... menina, disse elle.

— Estás a modo palerma! tornou a Margarida. Não estás contente por me tornar a vêr, meu Cupidinho?

— Trata-o por tu, sr. Pingouin! exclamou a Eudoxia, fufa de raiva.

— Tenho direitos a isso, minha senhora, disse a rapariga. Ha muito tempo que nos conhecemos. Não é verdade, Theophrasto?

— Minha senhora, respondeu o sr. Pingouin, está enganada... E' a primeira vez que a vejo.

— Ta! Ta! Ta! Não queres confessar porque está ahi a tua mulher! Patife! Assim me renegas! Pois a tua mulher não deve ser ciumenta... Com uma caraça d'estas...

(Continúa.)

Era linda e formosa nos seus tempos; houvera mesmo quem a dissesse a mulher mais encantadora e bella do seu paiz adoptivo. Ah! como me lembro quando pela vez primeira a vi no seu carro puxado a tres parelhas!

O dia amanhecera lindo; o céu no seu azul purissimo parecia espelhar o que ia cá pela terra, e logo de manhã cedo n'aquelle dia de maio, quando o sol ainda mal dourava as cumiadas mais elevadas dos montes, passavam em direcção á cidade ranchos e ranchos de alegres camponezas com os seus fatos garridos e lenços adamascados soltos ao vento, de mistura com os homens trajando largas cintas e barretes tarjados de vermelho.

O campo despovoara-se e a cidade abarrotava de forasteiros.

Hoteis, hospedarias, casas particulares, estava tudo á cunha.

Nas ruas e nas praças publicas era um mar humano oduante n'uma promiscuidade de cabeças e côres.

Foi através d'essa multidão que eu a pude vêr por uma nesga entre os hombros de dois soldados.

A' sua passagem todos os olhares se concentravam no carro, ávidos de curiosidade para a conhecerem.

Ao fital-a acheia-a realmente linda, apesar d'aquelle ar ainda impúbere. A leveza e alvura da *toilette* decotada casava-se harmoniosamente com a mimosa côr do rôsto e da parte superior dos seios. Mas notei o quer que fosse de contrafeito n'aquelle sorriso permanente com que nos acolhia; através d'aquelle olhar de uma piedade artificialmente adocicada, parecia divisar-se uma pontinha de orgulho mal reprimido. No entanto, como tudo n'aquelle dia era festa, eu mesmo não pensava n'outra coisa, o caso esqueceu e nunca mais pensei n'ella.

Passado muito tempo voltei a vê-la, tinha ella então um todo mais completo de senhora já feita, mais nutrida e todo esse conjuncto, alliado á sua belleza natural, dava lhe o tom do que se podia chamar afoitamente uma boa mulher.

Ao tempo, sobre aquella belleza resaltava então uma bondade manifestada publicamente em fazer muito bem á pobreza. Era um anjo; assim as chronicas dos jornaes lhe chamavam ao noticiarem os seus philanthropicos actos de uma caridade inegalavel.

Mas, como a vida é toda cheia de *étapes* e dividida em periodos, em cujos a manifestação dos sentimentos humanos é bastante variavel, as coisas mudam e esses mesmos sentimentos, os mais nobres até, transformam-se ou deixam de actuar, algumas vezes por desgostos intimos e outras é porque elles, realmente, nunca foram de uma pureza effectiva.

Assim com o decorrer dos tempos, o fogo que aquecia aquella caridade até ao rubro afrouxou, tornou-se menos intenso e tanto se foi sumindo e afogando na cinza, que hoje, ao olhar-se para a lareira nem já uma unica brazza brilha debaixo da certã caritativa. Tempos que já lá vão e não voltam.

Agora quando a vejo parece que lhe noto no semblante carregado um ar de soffrimento e de odio mal contido! Com respeito ao soffrimento deploro respectivamente o que lhe deu causa, mas, com respeito ao odio, melhor fóra que o não sentisse contra innocentes opprimidos e se resignasse com as infalliveis deliberações do Destino, as quaes a historia se encarrégará de justificar.

STYL

Um americano comprou um quadro de Rembrandt por cem mil libras.

Se lá fosse algum pobre diabo com fome pedir dez réis para pão, mandava-o prender.

Cousas da sorte.

Ha thalassas, malandros, descarados,
Ha thalassas, pandilhas, sem vergonha,
Ha thalassas maraus cheios de ronha
Velhacos malandretes, malcreados...

Ha thalassas eméritos taxados
Qual um Mattos, heroe da gran *cegonha*,
Thalassas que são cobras com peçonha
Nos cofres do Povinho adeantados.

Ha thalassas ladrões (isso é sabido...)
Ha thalassas *viroscas* (pois 'stá claro...)
(Assim diz cá da terra o Zé Manel)

Mas não ha pelo mundo tão batido
Thalassas com mais ronha e mais descaro
Que os malandros thalassas de Aljustrel.

Aljustrel-22-vii-909

V. GREGO.

O jornal dos Navegantes chama ao sr. ministro da justiça incoherente, pelo seu proceder.

Olhe, sr. Medeiros, quer rehver a amizade da raposa velha?

Mandê-lhe meia duzia de perdizes lá a casa e atire as suas propostas de lei para o cesto dos papeis. Verá.

Parece que o *seu* Medeiros, como lhe chama o ridiculo pasquim do Pe-lourinho, não está muito seguro no logar e vae de ventas á torneira.

Pudera.

Como não acaricia as cavalgaduras reaccionarias, apanha o coice das bestas de sotaina.

Cheguem-lhe ao bico!

Grita-se pr'ás multidões:
Nas côrtes não ha sessões!
Faltam sempre deputados!
Pois devemos concordar
Que *aquillo* vae devagar,
Que são de carne, coitados.

Não lhes chamem mandriões,
Pois seriam valentões
A trabalhar, uns damnados,
Se p'ra irem ás sessões
Lhes dêssém bem bons tostões,
Uns chorudos ordenados.

Dêem-lhes pois uns vintens,
De *borla*... brincam os cães!

PICHIRINÉE.

Agora deu a mania aos *paes da patria* de não apparecerem nas sessões.

A falta de numero é permanente.

O' rapazes, fechem lá isso!
Com um calor d'estes e uns dias tão bonitos, a patria que se... *go-verne*.

Pela certa

A fadistagem anda tão desenfreada, que um malandrão qualquer uma noite d'estas comeu a orelha de um policia!

Se fosse um paisano ia todo inteirinho para o *buxo*...

Positivamente andamos com um azar de todos os diabos!

Como toda a gente que se presa, fomos ha noites á

Trindade vêr a magnifica revista *O paiz do vinho*, que, diga-se em abono da verdade, tem fina ironia e apresenta moldes novos.

Comprámos um balcão e tiravamos o binoculo quando na cadeira ao lado se veiu sentar uma senhora com a figura volumosa do Chaby.

Com um calor d'estes só a vista d'aquelle monte de enxundias fazia-nos medo. Custou-lhe a sentar-se e teve de ficar de esgueiha, porque a largura da cadeira era aproximadamente a terça parte da enorme redondeza que lhe queriam metter.

Encolhemo-nos assustados, mas a gordalhuda dama mechia com as mãos, bati-nos com o leque, pisava-nos os callos e no final do primeiro acto, suando por todos os póros, tivemos de sahir com grande pena.

Lebrámo-nos então de ir á segunda sessão da

Rua dos Condes vêr a linda e engraçada revista *A abelha mestra*, magnificamente posta em scena pelo maestro Luz Junior.

Novo enguicho.

Deante da nossa cadeira estavam duas manas muito altas e muito magras que não podiam estar quietas um segundo.

Olhavam para traz, para cima, para todos os lados, e com tanta mechidella de cabeça não nos deixavam nem lobrigar o palco.

Ouvimos as piadas finas, rimos, mas a respeito de vêr... nicles.

Na noite seguinte deu-nos a *madureza* de ir á feira tomar ar.

Como não ha pagode bom que não tenha de metter theatrada, mal chegou a hora comprámos bilhete no

Chalet Avenida que tem ganho a palma com a revista *Em aguas de bacalhau* que o publico não cessa de applaudir.

Cadeira boa, ao centro da casa, mas á frente uma verdadeira muralha de chapéos gigantescos, uns imitando cestos vindimos cheios de hortaliça, outros canastras de galinheira cheias de pennas ao desarmar da praça.

Terminado o espectáculo, ouvindo a Cordalia a Leopoldina e o Barreiros, sem os vêr, fomos á *procura da felicidade* para o

Theatro Chalet vêr a revista *A brecha*. Mettemos o nariz na plateia e horrorizados vimos que as mesmas damas, ou outras com chapéos eguaes lá estavam já sentadas na primeira fila.

Fugimos d'alli e depois de uma visita ao Julio da antiga barraca das farturas, sitio onde nunca faltamos, tomámos logar no

Chalet Etoile que leva a bella revista de Maximo Brou e Abel Tello, *Para grandes males*... que tem dado em cheio.

Ao nosso lado appareceu-nos, como por encanto, a Dolores, a tal que nos descompoz, conforme contámos no ultimo numero do *Xuão*.

Veiu falar-nos como se nada fosse com ella e de principio foi-nos logo dizendo:

— Espero que não tenha hoje deixado a bolsa em casa.

— Não deixei, não, confessámos, e com verdade, porque a tinhamos deixado n'essa tarde n'uma casa de prego.

Novo idyllio platonico por aquella Avenida abaixo e uma ceia pacata no Mágina, porque a Dolores estava mais condescendente.

Depois... moidos e algo arrelhiados, regressámos á nossa casa já rompia a madrugada.

E tão aborrecidos que diziamos com os nossos botões:

— Antes nós fossemos ao animatographo do Rocio ver a petizada ou ao Salão phantastico!

Que falta de saber tinha a tal Dolores...!

OS HERDEIROS



HERDAMOS TUDO POR MEIOS LICITOS